

# O CAMINHAR DA MISSIOLOGIA NORTE AMERICANA

## Leitura de resenhas bibliográficas e textos programáticos

*Giorgio Paleari*

### INTRODUÇÃO

Para esta reflexão serão considerados alguns dados provenientes de duas fontes que nos parecem indicadoras do caminho da missiologia e da questão missionária nos Estados Unidos.

A primeira fonte é representada pelas resenhas bibliográficas do “International Bulletin of Missionary Research”, publicado quadrimestralmente pela Organização Ecumênica: Overseas Ministries Study Center (OMSC), localizado em New Haven, Connecticut, USA.

Os anos considerados serão os de 1997 e 1998. Trata-se de 146 resenhas bibliográficas que apresentam os livros mais significativos no campo da missiologia para os anos indicados.

A análise do tabelamento dos dados poderá fornecer pistas de como está caminhando a missão nos Estados Unidos e apresentará algumas pistas de encaminhamento.

A Segunda fonte é representada pelo texto preparado pela diretoria da United States Catholic Mission Association (USCMA) e pelo Mission Committee of the Conference of Major Superiors of Men’s Institutes (CMSM) em que se prospectam novos caminhos da causa missionária no Terceiro Milênio. As organizações são ligadas de uma certa maneira à National Conference of Catholic Bishops (NCCB).

O texto apresentado chamará a atenção da mudança acontecida no cenário mundial após a publicação da famosa carta dos bispos norte americanos sobre a questão missionária de 1986: “*To the ends of the earth.*”

O texto é importante porque representa um caminho de reflexão no fim do segundo milênio e prepara um grande congresso missionário norte americano. Temas emergentes convocam a missiologia a aprofundá-los.

### 1. AS RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS DO “INTERNATIONAL BULLETIN OF MISSIONARY RESEARCH”

#### 1.1. Natureza da OMSC

O “Overseas Ministries Study Center” (OMSC) é uma entidade cristã que promove cursos para agentes evangelizadores e missionários, organiza seminários e fornece bolsas de estudo para pesquisadores no campo missiológico e, principalmente, publica o “International Bulletin of Missionary Research.”

O “Bulletin” teve seu início em 1950 por parte de R. Pierce Bearer com a intenção de fornecer um instrumento para as bibliotecas. Seu título mudou em 1977 para “Occasional Bulletin of Missionary Research. Em 1981 o nome mudou, definitivamente, para o atual “International Bulletin of Missionary Research.”

A publicação é dividida em várias seções, que incluem:

- artigos sobre a missão nos seis continentes
- conferências mais significativas sobre a temática missionária
- um quadro estatístico sobre a realidade missionária mundial, preparado por David Barret
- perfis de líderes missionários
- resenhas de livros missiológicos
- informações sobre teses e dissertações

O “Bulletin” é quadrimestral e é enviado para todos os continentes. Os artigos que aparecem nesta publicação são resenhados e indexados em algumas revistas de especialização missiológica.

### **1.2. Resenhas bibliográficas de 1997-1998: considerações e perspectivas**

No ano de 1997 foram feitas 73 resenhas de livros publicados no campo da missiologia. Também este número foi repetido em 1998. Temos, portanto, 146 livros nos dois anos em estudo.

Destes 146 livros, perfazendo 100% para os efeitos de nossa tabulação, foram destacadas estas porcentagens:

<b>Nomenclatura</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Inculturação e Teologia Contextual	34	23.3
História da Missão	31	21.2
Diálogo Interreligioso	23	15.8
Proclamação e Anúncio e Teol. Da Missão – Bíblia	14	9.6
Espiritualidade e Experiências Missionárias	14	9.6
Biografias missionárias	13	8.9
Institutos Missionários e Novos Movimentos	07	4.8
Libertação e Ciências Sociais	06	4.1
Outros	04	2.7
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100%</b>

As resenhas confirmam alguns eixos sobre os quais se movimenta a missiologia nos últimos anos. Como foi detectado pelo SEDOS nos anos 70, os temas missiológicos continuam evidenciando, pelo menos, quatro áreas de concentração: a inculturação, o diálogo, a proclamação e a libertação<sup>1</sup>.

Em nossa pesquisa bibliográfica as áreas da inculturação (23.3%) e do diálogo religioso (21.2%) são aquelas que recolheram uma maior concentração de publicações.

### 1.2.1 – A inculturação

No tema da “**inculturação**”, além da temática mais conceitual, os enfoques ligados à “teologia contextual” apontam para a necessidade de uma Igreja plural, feita de múltiplas comunidades e Igrejas particulares contextualizadas, com seu próprio discurso teológico e enraizadas em áreas culturais específicas.

Há textos específicos de enraizamento teológico em Igrejas determinadas, como por ex., HEALEY, Joseph, and Donald SYBERTZ, *Toward an African Narrative Theology*; ou MULLINS, Mark, and Richard Fox YOUNG, eds. – *Perspectives on Christianity in Korea and Japan: The Gospel and Culture in East Asia*.

No campo mais especificamente ligado ao método da inculturação são invocados estudos particularmente sintonizados com a antropologia, como por ex., KRAFT, Charles H. “*Anthropology for Christian Witness*,” onde a temática da visão do mundo e sua interligação com o Evangelho é amplamente discutida. Percebe-se um anseio de superar os lugares comuns e de investir em alguns avanços teóricos com a ajuda da antropologia.

### 1.2.2 – O diálogo religioso

A área do “**diálogo religioso**” é um campo que se revela particularmente complexo para a teologia da missão nos próximos anos. Os textos resenhados pelo Bulletin são tendencialmente pluralistas e inclusivistas. Há só dois textos mais exclusivistas e rigidamente fundamentalistas.

Os autores clássicos, representantes do pluralismo, continuam a alimentar a reflexão teórica, como por ex.: John Hick, “*A Christian Theology of Religions: The Rainbow of Faiths*,” Paul Knitter, “*One Earth Many Religions: Multifaith Dialogue and Global Responsibility*.” Também em 1998 está resenhado o livro de Jacques Dupuis, “*Toward a Christian Theology of Religious Pluralism*.” Este último texto está sendo ainda indagado pelo Vaticano por seu caráter de pluralismo religioso.

Alguns textos inclusivistas resenhados dizem respeito ao material produzido pela Igreja Católica, como por ex., GIOIA, Francesco, (ed.) “*The official teaching of the Catholic Church (1963-1995)*.”

Algumas áreas mais específicas sobre o diálogo religioso contemplam diretamente estudos sobre o diálogo entre o cristianismo e cada uma das grandes religiões mundiais: Islamismo, Hinduismo e Budismo.

---

<sup>1</sup> O livro publicado foi: AA. VV. - *La missione negli anni 2000. Seminario di ricerca del Sedos sul futuro della missione*. EMI, Bologna, 1983.

### 1.2.3 – A proclamação e o anúncio

A temática da **proclamação e do anúncio** não chega ao 10% do livros resenhados, no entanto, continua sendo um campo específico de reflexão missiológica.

Estão incluídas nesta categorias a área da teologia sistemática da missão e a parte bíblica que têm ligações com a parte kerigmática e doutrinal da missão. Por ex., a resenha do livro de Sebastian KAROTEMPREL, et al., eds. – *Following Christ in Mission: a Foundational Course in Missiology*, apresenta, no prefácio, as palavras do Cardeal Tomko, prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, que dizem respeito à tarefa da evangelização que é “de continuar a missão salvífica do mundo.” Trata-se de um texto dirigido especialmente aos seminaristas e sacerdotes do mundo inteiro, marcando a necessidade do anúncio explícito.

Alguns estudos bíblicos das resenhas focalizam mais áreas temáticas sobre a atuação de Jesus e o anúncio do Reino, como o texto, por ex., de KOSTENBERGER, Andres J. – *The Mission of Jesus and the Disciples according to the Fourth Gospel. With Implications for the Fourth Gospel's Purpose and the Mission of the Contemporary Church*.

### 1.2.4 – A libertação

Nos quatro campos direcionais da missão (Inculturação, Diálogo, Anúncio e Libertação), a área da libertação é aquela que apresenta a mais baixa porcentagem de resenhas consideradas: 4,1%.

Uma atenuante é que, certamente, poderiam ser incluídas nesta temática, sub-áreas que foram deslocadas para a categoria da história ou da inculturação. Por ex., alguns textos da teologia contextual podiam ser também classificados na área da libertação, enquanto representam a necessidade de repensar o teológico a partir de situações concretas de marginalização e de cultura subalterna.

No entanto, os poucos livros resenhados suscitam algumas questões e encaminham algumas propostas.

Perguntamo-nos se a temática da libertação continuará a estar presente no caminho missiológico dos próximos anos e com qual dimensão. A temática da globalização acentua a realidade da exclusão, e esta problemática se torna tremendamente visível em sua dramaticidade nos países do sul do mundo. Na área norte americana, mesmo tendo bolsões significativos de pobreza, a temática libertadora fica um pouco escondida, à exceção dos círculos mais críticos e conscientes.

Caberá aos teólogos da missão do sul do mundo produzir, publicar e traduzir textos em língua inglesa. Textos e obras latino americanas são muitas vezes completamente desconhecidas na área inglesa, com exceção dos clássicos: Gutierrez, Boff e Dussel. Esta minha observação se fundamenta também numa análise comparativa com a produção do “SEDOS Bulletin on net”. Num universo de 140 artigos publicados, 77 artigos são em inglês (55%), 43 artigos em francês (30.7%) e, somente, 20 em espanhol (14.3%).

Considerando que a Língua inglesa representa uma das línguas mais difundidas no mundo, valeria a pena repensar a contribuição de autores em língua espanhola e portuguesa para o campo missiológico mais amplo.

### 1.2.5 – A história e a espiritualidade

Há duas áreas em que a literatura missionária americana é particularmente sensível: o campo histórico e biográfico (21.2% + 8.9%) e o campo da espiritualidade e das experiências missionárias (9.6%).

Os Estados Unidos têm uma longa epopéia missionária (seja católica que protestante), alimentada por organizações e entidades para o envio de missionários e para o levantamento de fundos. A dimensão histórica e as biografias entendem recuperar a memória de grandes missionários em vista de revalorizar mais cientificamente a dimensão missionária e favorecer um novo entusiasmo para os tempos hodiernos. É uma especialidade norte americana escrever volumosas obras sobre a herança missionária de indivíduos para o campo da missiologia. O Bulletin em estudo acostuma reproduzir, em cada número, duas ou três biografias missionárias e já publicou um livro de 654 páginas sobre “heranças missionárias”, *“Mission Legacies.”*

No campo da espiritualidade, percebe-se um novo sentido de descoberta da mística, da dimensão interior, do emocional e pessoal para a espiritualidade. A época pós-moderna é muito sensível à interioridade, ao sentido e ao emocional. Há um gosto para as experiências e para o testemunho pessoal. O desafio, no entanto, é como evitar que este anseio se reduza a algo de profundamente individual e intimista e recupere sua dimensão histórica e coletiva, nas melhores tradições do seguimento de Cristo.

### Conclusão

Uma leitura sintética do quadro das resenhas bibliográficas dos anos 1997-1998 nos permite identificar que, no terceiro milênio, continuará a busca missiológica ao redor das quatro áreas enucleadas: a inculturação, o diálogo, a proclamação e a libertação.

Uma maior ênfase será dada à área do diálogo religioso, às grandes religiões mundiais e à teologia cristã das religiões. Isto não pelo fato que haja um gosto novo pelo estudo das grandes religiões, mas porque uma grande população hinduista, islâmica ou budista já se encontra dentro dos confins do território norte americano. Os melhores pesquisadores e os mais importantes centros de pesquisa sobre as religiões já estão incorporados nas universidades americanas. Há, também, uma procura imensa de cursos de graduação e de pós-graduação sobre as religiões mundiais. O cristianismo, por sua parte, é constantemente solicitado a rever e a reconsiderar sua teologia relacionada ao valor salvífico das religiões. É o campo de batalha que envolverá comunidades e igrejas no sentido de uma maior definição e abertura.

Pensamos, também, que a área da libertação voltará a ocupar sua devida importância por causa das contradições trazidas pelo processo da globalização: contradições que se intensificam sempre mais no sul do mundo. A contribuição dos teólogos do sul do mundo, com obras devidamente publicadas e traduzidas em inglês, poderá fazer recuperar o debate ao redor de uma teologia a partir da exclusão e da marginalidade.

Uma terceira área que parece emergir com particular intensidade é a questão da espiritualidade, área particularmente presente no contexto norte americano. Tratar-se-á, no entanto, de superar o aspecto mais individualista e intimista para uma dimensão mais comunitária e histórica.

Outras áreas que não estão ainda presentes na bibliografia, mas que certamente terão um desenvolvimento nos próximos anos, serão o campo da evangelização das cidades e da ecologia. A limitação da escolha das resenhas, concentradas nos anos 1997-1998, não nos permitem ver com mais globalidade outras direções para a missiologia que, em outros anos, podiam ser mais visualizadas.

## **2. O TEXTO DA “UNITED STATES CATHOLIC MISSION ASSOCIATION” (UCSMA)**

Uma outra fonte que detecta o caminho da dimensão missionária nos Estados Unidos é o texto **“A New Springtime for Mission”** publicado pela UCSMA e preparado por várias entidades religiosas (CMSM, LCWR e CNVS).<sup>2</sup>

O texto representa um instrumento de trabalho para grupos e indivíduos em vista de preparar-se para o terceiro milênio missionário, cujo momento alto será um congresso missionário no ano 2000.

### **2.1. Os pontos de partida: o contexto e a opção pelos pobres**

Em 1986, a Conferência Episcopal Norte Americana (NCCB) emanou um documento, **“To the ends of the Earth”**, que marcou profundamente o caminho missionário da Igreja. Os tópicos deste trabalho sublinham a necessidade de entender o contexto mundial para estabelecer critérios para a atividade missionária: o novo contexto mundial, a atividade missionária e, a espiritualidade.

A finalidade do texto era de fornecer um instrumento teológico e pastoral aos agentes de pastoral e de confirmar todos os missionários em seu esforço de pregar o evangelho.

A estrutura do **“A new Springtime for Mission”**, da UCSMA, inspirou-se metodologicamente ao texto da Conferência Episcopal. A pergunta que desencadeou a reflexão foi: O que mudou no contexto mundial e eclesial para re-focalizar a questão missionária? A nova realidade em nível mundial oferece questionamentos e interrogações à atividade missionária da Igreja. Este representa o primeiro ponto de partida.

O segundo pressuposto é que o documento se inspira, do começo ao fim, à opção pelos pobres, com a ressalva de que os redatores do texto conscientemente não se acham pobres, mesmo que muitas vezes estão a serviço deles. Esta constatação deixa a possibilidade a outros de tecerem críticas e pontualizações que serão sempre bem vindas.

### **2.2. Novos indicadores e perspectivas para a missão**

Nestes últimos anos aconteceram mudanças substanciais no mundo, como a queda do muro de Berlim, a implosão do socialismo burocrático da União Soviética, o fim da guerra fria, o avanço tecnológico, etc. De outro lado, no âmbito eclesial, novos desafios foram surgindo que merecem ser considerados em vista de uma nova epopéia missionária. O olhar

---

<sup>2</sup> NB. UCSMA é United States Catholic Mission Association; CMSM é Conference of Major Superior of Men (aqui, particularmente, o Mission Focus Committee); LCWR é Leadership Conference of Women Religious; CNVS é Catholic Network of Volunteer Service.

destas mudanças qualitativas se concentra a partir do contexto norte-americano e, daqui, se espraia ao mundo todo.

### 2.2.1 Trajetórias da mudança no mundo<sup>3</sup>

#### A. Globalização

Geralmente, por globalização se entende um extenso fenômeno de ordem técnica e econômica que entende reproduzir igualmente, em escala mundial, um tipo de economia, o capitalismo, e um único sistema tecnológico, feito de computadores, informações rápidas, Internet e satélites. O processo de globalização é, normalmente, tido como um processo de expansão econômica e tecnológica, guiado por tecnocratas e gerentes de grandes companhias multinacionais.

Particularmente para os **Estados Unidos**, a globalização significa também uma tendência para o “isolacionismo”, centrando o país em sua própria segurança. Uma certa abertura acontece, como por exemplo na teoria do livre comércio, mas nunca pode ser colocado em discussão o bem estar da nação americana. Os migrantes são vistos sempre como uma ameaça à segurança dos lugares de trabalho e à “paz interna”.

O isolacionismo tende a envolver também a vida da Igreja, quando preocupada por seus problemas internos, como a escassez do clero ou as tensões doutrinárias, acha que não deve mais se preocupar com os outros, mas deva resolver seus problemas. Isto acarreta um fechamento e a falta do espírito missionário.

Ao isolacionismo se junta o fundamentalismo, que é uma necessidade de marcar rigidamente os confins e as identidades, procurando estancar os processos de mudanças.

Diante do processo globalizante, cheio de complexidade, os EUA se perguntam sobre a questão da homogeneização e da diversidade. Como chegar a afirmar as diferenças? A violência é imperante, sobretudo com as crianças e as mulheres. A política internacional se debate entre a hegemonia americana e a necessidade de se criar uma multipolaridade de poderes. Mas esta configuração não está ainda clara.

No fundo, toda esta questão de globalização, com seus contornos complexos e pouco claros, se apresenta como um dos contextos novos para a questão missionária.

#### B. Migrações

O Vaticano descreve este século como o século dos refugiados.<sup>4</sup> Migrações ingentes de pessoas são causadas por guerras, revoluções, exclusão econômica e desastres naturais. Hoje, mais do que nunca, os refugiados encontram as portas de muitos países fechadas.

Recentemente, uma maior migração é caracterizada pela falta de programas agrícolas e reforma agrária, por causa da dificuldade de trabalho nas cidades e falta de empregos, especialmente no terceiro mundo. O resultado é a desestruturação de famílias e de culturas. Não há mais coesão e há perdas de identidades.

---

<sup>3</sup> Comentário livre do texto “A New Springtime for Mission” by USCMA –1997.

<sup>4</sup> *Refugees: A Challenge to Solidarity*, Pontifical Council “Cor Unum” and Pontifical Council for the Pastoral Care of Migrants and Itinerant People, 1992.

Muitos missionários testemunham com suas presenças as trágicas histórias de milhões de pessoas sem terras e sem trabalho, movendo-se compulsivamente de um lugar para outro sem direção e sem perspectiva.

### *C. Marginalização e pobreza*

Mesmo antes do Vaticano II a Igreja externou sua preocupação com o abismo que estava se criando entre ricos e pobres. Mais de um bilhão de pessoas vivem na pobreza e a maioria são mulheres. No entanto, nas últimas décadas o abismo se aprofundou mais ainda e foi alimentado por diferentes situações.

Uma forma de neoliberalismo está se alastrando em todos os lugares do mundo. Mulheres e crianças estão carregando o peso principal deste custo de reestruturação econômica. Já que a situação familiar se deteriora e os serviços sociais, anteriormente possíveis, estão sendo cancelados (benefícios trabalhistas), as mulheres carregam o peso da sobrevivência familiar.

Nos anos 80, a ideologia liberal foi se impondo como matriz de política interna e econômica nos estados Unidos e em muitas nações desenvolvidas. Esta reestruturação econômica tem cortado muitos benefícios de apoio aos planos sociais de saúde, de acompanhamento educacional, de apoio às famílias, etc. Tudo isso tem provocado uma maior dificuldade para as mulheres de levar adiante suas famílias. Nos Estados Unidos a redução dos benefícios sociais (welfare reform) empurrou mais ainda crianças e mulheres na absoluta pobreza.

O neoliberalismo é também o horizonte no qual se movem os novos contratos para a abertura das fronteiras econômicas. Enquanto, positivamente, esta abertura apresenta um desenvolvimento do último século, apresenta, no entanto, uma redução de salários e uma perda de trabalho sobretudo onde os salários são mais baixos e as condições de trabalho menos monitoradas pelos governos. Baixos salários para as mulheres e exploração de crianças visam enaltecendo mais os lucros das multinacionais.

Fundos para desenvolvimentos aos países estão sendo cortados em todos os lugares, quando deveriam crescer. O consumismo e o materialismo representam as leis para o intercâmbio. O comércio das armas, já fora do controle, quer garantir ganhos nas perdas das indústrias bélicas, desde o fim da guerra fria, fazendo com que o comércio dos armamentos se torne um mecanismo de desenvolvimento econômico.

O crescimento da pobreza está criando sempre mais novas formas de empobrecimento no mundo e exclusão. Mesmo antigas classes sociais, um tempo mais protegidas, estão caindo na pobreza devastadora. Moradores de ruas (homeless) e meninos de rua (street children) estão crescendo também nos países mais desenvolvidos.

### *D. Mudanças de consciência*

O processo da globalização está imprimindo uma mudança de consciência no mundo. Muitos estão mudando a maneira de como enxergam a realidade. As visões do mundo estão sendo homogeneizadas, ou fragmentadas, acompanhando os moldes da cultura e da mídia norte americana. Positivamente, esta emergência de uma nova consciência contribui em reforçar uma ética pela vida e uma defesa da natureza.

As populações indígenas são as mais sensíveis a esta abertura pela tradicional sintonia com o ambiente natural, a vida comunitária e a defesa ecológica.

Num certo sentido, os povos tradicionais e as tribos têm recuperado um certo espaço nas sociedades e estados modernos. Tudo isso está sendo de novo colocado em discussão. De novo, as culturas supranacionais, do tipo Europeu, estão questionando a identidade das culturas e dos estados nacionais.

Dentro deste quadro bastante complexo, novos valores estão emergindo e estão se tornando paradigmáticos: a dignidade humana e os direitos humanos, a nova consciência das mulheres no mundo, os movimentos da liberação, a democratização e o diálogo em contraste com o autoritarismo, o diálogo interreligioso, a emergência de interesse pela religião e a espiritualidade.

#### *E. A experiência e a influência das mulheres*

Nos tempos recentes, sobretudo nas culturas ocidentais, há uma tomada de consciência mais explícita das mulheres. Elas fazem sentir suas vozes em público e estão contribuindo na mudança do discurso e das decisões.

O direito das mulheres, sempre relegadas e exploradas, está sendo uma das maiores conquistas do momento presente. A Quarta Conferência mundial das mulheres, realizada em Beijing, em 1995, contribuiu e catalisou, ainda mais, a necessidade de organizar as mulheres no mundo.

### **2.2.2. Trajetórias de mudança na Igreja a partir do novo contexto desde 1986.**

Há muitas tensões criativas e sofridas na igreja que emergiram nestes últimos anos, seja por causa dos efeitos do Concílio Vaticano II e seja pelas mudanças no contexto mundial.

#### *A. Os leigos missionários*

O Concílio Vaticano II tem sublinhado a importância dos leigos na igreja e teve um grande impacto na resposta leiga para a missão. A consciência de que em força do batismo todos somos missionário fez com que houvesse uma resposta acentuada do envolvimento dos leigos na atividade missionária. Muitas congregações e instituições missionárias apoiaram programas de mandar leigos para as missões. O campo das forças missionárias se enriqueceu, portanto, de duas grandes forças: os missionários consagrados definitivamente e os missionários temporariamente votados para a missão. Estatisticamente, enquanto os missionários permanentes e consagrados diminuíram, os missionários "ad tempus" aumentaram preponderantemente.

Esta positiva e construtiva interação entre os dois grupos suscitou e suscita ainda hoje, no entanto, áreas de atrito e desafios no ajustamento entre as duas forças, nas organizações missionárias e nas igrejas que enviam e que recebem. Alguns destes desafios podem assim ser descritos:

Quando os missionários leigos vão para os campos missionários eles continuam enfrentando grandes desafios no campo da inculturação e da afetividade. Além disso, o fato

de experimentarem a violência e os sistemas injustos exige uma maior preparação dos mesmos para a realidade missionária. Há também, uma necessidade de clarear melhor o papel dos leigos na missão. Se os papéis não estiveram claros, surgem atritos e tensões entre os missionários consagrados e os missionários leigos. Sim, também programas de formação são exigidos para os missionários permanentes e consagrados porque ele também sofre a consequência deste impacto.

A vocação missionária é parte integral da vocação batismal. Todos são missionários, leigos e consagrados. Este dado teológico permite fundamentar a responsabilidade de todos para a missão. Os leigos chegam como iguais na tarefa missionária da igreja. Isto não significa negar a experiência que as congregações missionárias acumularam ao longo de muitos anos, mas a presença de uma nova força leiga traz alguns ressentimentos e, certamente, uma necessidade de repensar a abertura missionária de todas as forças eclesiais. Quando estas tensões emergem entre as congregações missionárias e os leigos missionários, atingem também a questão da propriedade, da identidade do grupo, dos direitos dos membros, etc. Se, depois, aparece a questão da relação entre sacerdócio ordenado e laicato, então, novas tensões surgem no âmbito desta relação.

Um fator que acentua as tensões é a diminuição dos missionários permanentemente consagrados e, correspondentemente, um aumento dos leigos "ad tempus". Se de um lado há um senso de frustração, do outro, há uma exigência de mudanças na perspectiva de conduzir a missão. Muitas vezes os leigos tem uma outra percepção dos programas missionários: de um lado, os responsáveis das congregações, tem certas expectativas, de outro, a presença dos leigos exigem uma reformulação de conteúdos no campo da teologia, da finalidade da missão e das diferenças em temas e conteúdos tradicionais da missão. É necessário evidentemente ter muito mais diálogo sobre isso. É ainda possível uma certa diversidade sem colocar em discussão a identidade fundamental das comunidades e dos grupos que enviam? Quem chama os missionários leigos para a missão? Em que sentido tudo isto está em relação com o chamado batismal? Uma maior clareza é necessária para o envio missionário dos leigos.

Devem, necessariamente, ser esclarecidas as relações entre as lideranças eclesiais e os leigos e entre os líderes das congregações e institutos e os leigos. Estamos diante de um processo dialógico que envolve diferentes sujeitos. O papel que o Concílio Vaticano II estabeleceu para a igreja no serviço ao mundo pode ser mais sublinhada pelo diferentes grupos. Enquanto alguns podem visualizar o aspecto "servidor" da igreja, outros podem destacar seu papel de proclamação e de anúncio. Isto pode criar uma tensão entre os modelos de ministério e de evangelização na tarefa missionária. Esta tensão já existe no trabalho missionário hoje, mas pode se acentuar entre os leigos missionários e os líderes eclesiais.

### *B. A autoridade da Igreja e o problema missionário*

Nos últimos dez anos aconteceram amplas discussões ao redor da estrutura da igreja, decisões tomadas, autoridade e a questão da doutrina por parte das lideranças da igreja. É evidente que há diferentes maneiras de entender a tradição, a inovação, a criatividade, a diversidade, o papel da experiência dos leigos em questões morais, e a inculturação. A problemática da partilha do poder de decidir tem sido difícil em nível de colaboração entre hierarquia e laicato. Também houve diferentes maneiras de entender as decisões do Vaticano II. Há tensões na compreensão do papel do diálogo e da proclamação.

Quanto são importantes a cultura, as experiências locais, as liturgias em nível de igrejas locais na construção de um diálogo na Igreja? Uma tensão é a questão do papel da mulher na igreja. Muitas vezes as mulheres percebem, para além dos documentos, que não existe uma espaço efetivo na igreja para elas.

Há uma necessidade de ir além das tensões e entrar num diálogo mais frutífero entre líderes e membros da igreja de maneira que os atritos possam ser diminuído e as forças convergirem para uma maior dedicação missionária.

### *C. Os institutos religiosos e missionários*

As congregações missionárias e os institutos missionários continuam perdendo membros nas nações mais ricas, enquanto crescem nas nações mais pobres. Tudo isso está criando tensões no interior das congregações internacionais.

As teologias contemporâneas da missão nos países do primeiro mundo tornam sempre mais difícil distinguir a dimensão "ad gentes" da missão da atividade de evangelização num mundo pós-cristão nos Estados Unidos. Os institutos missionários enfrentam os mesmos problemas das congregações religiosas que, no primeiro mundo, tem membros com idade muito avançada, diminuição de vocações, reestruturação contínua do pessoal para acudir às necessidades do instituto.

Como se disse anteriormente, parece-se que a abertura para os leigos decorreu de uma crise interna aos institutos. Isto, porém, é fortemente prejudicial. O fato de ter aberto aos leigos não pode significar uma estratégia dos institutos por causa de não terem membros. É um insulto aos leigos missionários se aperceberem usados como estratégia e não, em vez, como uma consciência madura de um caminho de igreja. Os institutos missionários devem olhar de frente os problemas que estão passando e não velá-los através de estratégias laicais. Há toda uma tradição por parte dos institutos missionários no sentido da dedicação à evangelização. Hoje se abrem novas perspectivas, os leigos são parte integrante da atividade missionária. Não se trata de definir quem é mais importante na evangelização, quanto de perceber-se todos na tarefa missionária, confiada por Deus.

### *D. Novas compreensão da missão da Igreja e da evangelização*

Há tensões no âmbito eclesial sobre diferentes modelos de missão. Já se falou anteriormente da tensão entre proclamação e diálogo. Há também pontos de vistas diferentes sobre a centralidade do Reino para a evangelização ou sobre a implantação da igrejas como processo prioritário. Os modelos Trinitário e encarnacionistas são básico para qualquer teologia da missão. No entanto, estes modelos têm bases eclesiológicas diferentes, se não ideológicas, e, por causa disso, existem aproximações conflituosa à dimensão social e política. Muitas vezes surgem tensões entre os líderes da igreja e os missionários.

O Papa João Paulo II, em seu magistério, quis uma integração maior entre o espiritual e o social. Há pronunciamentos explícitos sobre os direitos humanos, desenvolvimento econômico, dívida externa e democratização. Em nível local, no entanto, as tensões emergem com muita virulência.

### *E. Educação e animação missionária*

Há temáticas sempre mais contundentes no processo de educação para a missão. Em face à globalização não pode ser omitido o apelo para a dignidade humana e para a unidade do gênero humano. A participação de todos aos bens da terra e a justiça distributiva num mundo dividido entre ricos e pobres representam temas que devem estar presentes na proclamação missionária.

O Evangelho nos convoca para a compaixão e a justiça, segundo o modelo de Jesus, e nos convoca para o "Evangelho da vida."

Nos programas educativos a todos os níveis devem ser aprofundados os temas da paz e da fraternidade. Nas escolas e nos diferentes níveis de catequese devem ser apresentadas as diferentes culturas e religiões, como caminho pedagógico de respeito e de compreensão mútua.

### *F. Jesus como único mediador e salvador*

Ao longo do século que está findando, houve e há uma constante interrogação sobre o sentido da unicidade e universalidade de Cristo para a salvação. Muitas indagações foram entaprendidas em nível bíblico e teológico. A proximidade de grandes grupos religiosos e o processo da globalização ressuscitam com veemência toda esta discussão. Não é posta em discussão a unicidade, mas a maneira de como deve ser entendida a única mediação em face de multidões que são parte de outras grandes religiões mundiais. Não é pretensão deste documento perpassar toda a discussão, mas levantar e detectar alguns dados, porque serão vitais para a questão da evangelização e a realidade missionária. Há uma variação muito grande de posições que vão do diálogo, da negação do diálogo e do relativismo. Alguém chega mesmo a declarar que a época da missão já acabou. Quais são as bases teológicas para a atividade missionária "ad gentes."

### **Conclusão**

O texto da USCMA termina dizendo que no texto não pretende apontar soluções, mas somente provocações (jump start) para futuras indagações.

Concluindo a apresentação desta segunda parte, algumas reflexões emergem.

1. O quadro da questão missionária norte americana é bastante complexa e certamente chama em causa a missiologia. Os dois eixos, as mudanças no mundo e as tensões na igreja, levantam uma série de perspectivas para a reflexão missiológica.

2. Em face das mudanças mundiais, a temática da globalização e da pobreza merecem um particular destaque, como, no âmbito eclesial, a questão dos leigos missionários, a animação missionária, a perspectiva integral da missão e a questão da unicidade de Cristo são temas que ocuparão a discussão nos próximos anos.

3. A missiologia e o estudo sistemático da missão recebem, nesta perspectiva, pistas a serem trilhadas.